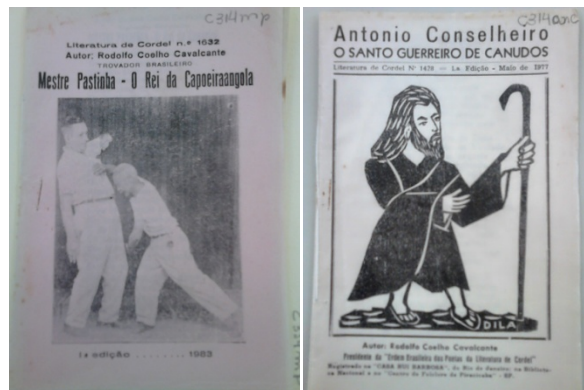




**A POESIA POPULAR NO NORDESTE OU A LITERATURA DE CORDEL – BREVE ESTUDO
DE SUA RELAÇÃO COM A CAPOEIRA ANGOLA**

**Guga Cacilhas – Grupo Semente do Jogo de Angola - Núcleo Barão Geraldo –
Campinas-SP**



**A POESIA POPULAR NO NORDESTE OU A LITERATURA DE
CORDEL – BREVE ESTUDO DE SUA RELAÇÃO COM A CAPOEIRA
ANGOLA**

**Guga Cacilhas – Grupo Semente do Jogo de Angola - Núcleo Barão Geraldo –
Campinas-SP**

Dedico ao Mestre Jogo de Dentro, que tanto me estimula a estudar, e a Fred Abreu (*in memoriam*), que contou nos livros tantas coisas sobre Capoeira que eu tinha tanta curiosidade de saber...

Introdução

Ao fim do dia, numa roda, uma comunidade compartilha suas histórias, recita versos, canta. Essa talvez seja a atividade cultural ou artística mais antiga da humanidade. Todo povo, toda etnia, nos 5 continentes, tem ou tinha sua roda, seu momento para ouvir o outro dizendo algo que não é era a conversa comum do dia-a-dia, mas sim uma palavra especial – uma palavra poética, narrativa.

No Brasil não foi diferente. No Nordeste, em especial, floresceu e floresce uma poesia popular muito rica, transmitida oralmente. Neste trabalho, trataremos de algo que estamos chamando de “poesia popular nordestina”, ou “poesia oral nordestina”. Mas o leitor atento pode e deve questionar esse nome, pois não se trata de algo homogêneo, palpável, com limites claros. Essa poesia hoje não obedece limites geográficos, está vigorosa, por exemplo, no Rio de Janeiro, na Feira de São Cristovão, reduto de poetas nordestinos, ou em concursos de repentistas na mais populosa das cidades nordestinas: São Paulo, e assim pelo Brasil e o Mundo. Também não está restrita aos formatos onde é encontrada de maneira mais óbvia – na cantoria de viola, no repente dos conquistados ou nos folhetos de cordel: a poesia popular nordestina, entendida de maneira mais ampla, é também aquela das rodas de Capoeira, das festas do Boi, do Maracatu, do Cavalo-Marinho, do Samba-de-roda e rodas de samba, dos Forrós e tantas outras festas e brincadeiras, assim como também na MPB, nos diversos gêneros musicais cantados por famosos e anônimos, e nos novos livros e folhetos continuamente publicados.

Como seria impossível estudar tudo isso num único trabalho, escolhemos focar um pequeno conjunto de folhetos da chamada Literatura de Cordel, produzidos dos fins do século XIX até a década de 1980. Escolhemos esse recorte de tempo pois se trata também do período no qual se estabeleceu a tradição da Capoeira Angola tal qual a conhecemos hoje. No prefácio do livro “Cordel: do encantamento às histórias de luta” Antônio Houaiss escreve:

Em algum momento brota no Nordeste uma literatura oral destinada a um público adulto (...) Pode ter sido no séc. XVI, XVII ou no XVIII, porque no séc. XIX já há referências de uma arte madura(...) Num segundo momento, essa literatura oral em verso (...) faz-se impressa.¹

Percebemos que esse pequeno conjunto de folhetos é como uma pequeníssima ponta visível de uma ilha, ilha essa que, cada vez em que avançamos mais na pesquisa, percebemos ser um imenso continente – a cultura do povo.

Pesquisamos, assim, além de alguns livros *sobre* Literatura de Cordel, um pequeno conjunto de folhetos que, pelos seus temas e pela época em que foram editados, trazem uma poesia que pode ter sido compartilhada pelos capoeiristas e Mestres que ao som do berimbau contribuíram para preservar esses versos. Note bem que seria muito ingênuo pensar que o capoeirista “canta os versos de um folheto de cordel” – pode até ser o caso, algumas vezes. Mas seria melhor dito que a capoeira compartilha de um universo de cultura popular que é o

mesmo do poeta autor de folhetos, que por sua vez é muito próximo ao universo dos cantadores de viola, que, finalmente, é o universo da cultura popular nordestina sertaneja.

O termo “Literatura de Cordel”

O nome “cordel”, segundo alguns autores, não era usado pela maioria do povo que consumia esse tipo de literatura; no Nordeste foram chamados simplesmente de “folhetos”, ou ainda “folhetes”, sendo “folheteiro” quem escreve e/ou vende, e “folhateria” o local onde fica a editora, geralmente caseira. O nome colocado posteriormente veio do costume de se expor o material pendurado em uma cordinha. Mesmo a palavra “cordel”, significando corda, não é usada no Nordeste, o termo é usado em Portugal. O termo “Literatura de Cordel” aparece pela primeira vez no “Dicionário Contemporâneo da Língua Portuguesa”, de Caldas Aulete, publicado em 1881. No verbete “Cordel” o autor define que “Literatura de Cordel” é “um conjunto de publicações de pouco ou nenhum valor”, demonstrando a acirrada separação entre o meio erudito e o popular e o enorme preconceito do primeiro universo para com o segundo. Essa separação entre erudito e popular é hoje muito questionada por vários estudiosos, que mostram que os dois universos se inter-relacionam das mais variadas formas.

Para nos referirmos à enorme diversidade de folhetos que trazem as histórias em versos, além de “Literatura de Cordel”, podemos usar “literatura popular em versos”, “literatura popular nordestina”, “poesia popular”, entre outros.

Origens da poesia popular nordestina

Diversos autores estudaram a literatura presente nos folhetos nordestinos, buscando suas origens. Quanto ao artefato material do folheto, alguns o identificam como sendo de origem portuguesa - folhetos com o nome de “folhas volantes” ocorriam em Portugal, onde eram também chamados de “Literatura de Cego”, por ter sido dado o direito de venda a monges cegos. Gonçalo Ferreira da Silva, presidente da Academia Brasileira de Literatura de Cordel, aponta a origem do folheto como Ibérica, (Portugal e Espanha) e diz que teriam chegado antes em Salvador, primeira capital brasileira, e dali se espalhado pelo Nordeste de maneira oral, antes da chegada da imprensa à colôniaⁱⁱ. Por outro lado, podemos defender que o folheto com as características que ele tomou no Nordeste é de raiz brasileira. Em outros países os folhetos também ocorreram, foi chamada de “literatura ambulante” na França, literatura de “folhas soltas” na Espanha, etc. Segundo o Dr. Joseph M. Luiytenⁱⁱⁱ, enquanto em outros países como no México e a Argentina a literatura popular foi incorporada aos demais estudos literários, e por isso os heróis da poesia popular estariam nesses países mais difundidos em todas as camadas culturais, no Brasil essa literatura dos folhetos foi desprezada por maior tempo pelos intelectuais, só chegando mais recentemente à academia, e por isso

esteve relegada injustamente por muito tempo a um segundo plano. Portanto não há nada que indique que um folheto seja em algum sentido menos do que qualquer outro livro, como defende o prefácio de “Acervo do Cordel – Leandro Gomes de Barros”:

Como artefatos culturais, os folhetos de literatura de cordel têm a mesma importância que livros^{iv}

Quanto ao conteúdo dos folhetos, são muitas as formas de estudar e olhar para suas origens, o assunto é bem profundo, no nosso breve estudo vamos dividir aqui duas linhas para esse estudo, e daremos conta somente de alguns aspectos.

A primeira linha é a origem *literária*, ou seja, as histórias escritas, em prosa ou verso, que também alimentaram a criatividade dos poetas nordestinos. Apesar de terem sido escritas, não quer dizer que foram criadas por uma única pessoa, no papel (ou couro, pergaminho, etc...). São histórias que vêm justamente de uma tradição popular oral européia, e depois, brasileira, mas que tiveram em algum momento um importante e bem difundido registro em livro. A relação entre oralidade e escrita, poderíamos dizer, é um eterno “troca-troca” – histórias contadas oralmente foram depois escritas, alguém as leu para ouvintes que as vezes não sabiam escrever, eles decoraram, contaram a outros, esses outros podem ter vindo a reescrevê-las, outros colocaram a história em rimas (poesia), recurso que ajuda muito a decorar, e assim sucessivamente, seja na Europa, seja no Brasil, em todos lugares em que havia escrita. Interessante observar que em culturas ágrafas (sem escrita), onde portanto a transmissão das histórias é só oral, esse processo cultural é diferente, não sei se melhor ou pior – no mínimo, poderíamos pensar que nesse caso os contadores de história não tinham outra opção que não exercitar muito mais a memória...

Há diversos tipos de histórias, os contos-de-fadas (chamados também de histórias da carochinha) e que alguns autores chamam de histórias ou novelas de encantamento, são aquelas com elementos fantásticos, mágicos, histórias do tempo em que os animais falavam. Na poesia nordestina, teremos, por exemplo, um tipo de história que deriva destas, nas quais os animais, além de fala, ganham profissões. Em “O Casamento do Bode com a Raposa”, está:

O boi era general

O galo era corneteiro

O porco, soldado raso

O veado era vaqueiro

O coelho, chefe do mato

O macaco era ferreiro

E assim por diante. Depois da apresentação dos bichos é contada a festa de casamento que acaba descambando para a briga;

Salta o burro e vai dizendo

Com o leão ninguém bole

Podem vir duzentos lobos

Um bocado não me engole

Deu um ponta-pé no urso

Que inda hoje está mole

Há um tipo específico de história sobre o qual vamos nos deter um pouco por ter especial reverberação na cultura popular nordestina, trata-se do Romanceiro Ibérico. São um conjunto de histórias denominadas romances (não confundir com os atuais romances), ou novelas de cavalaria, que se tornaram muito populares na península ibérica nos séculos XVI e XVII, e contavam as aventuras de lendários cavaleiros como os da Távola Redonda do Rei Arthur, Amadis de Gaula, os Doze Pares de França, o imperador Carlos Magno, o Príncipe Roldão, entre muitos outros.

Há muitos folhetos que contam essas mesmas histórias de cavalaria européias, um exemplo é o “Roldão no Leão de Ouro”, sobre o Príncipe Roldão, um dos Doze pares de França. Para além de contar a mesma história, no entanto, é interessante perceber como os poetas nordestinos vão enriquecendo também sua *maneira* de contá-las. Por exemplo, há um certo exagero nas histórias de cavalaria, exagero que faz parte do mundo da imaginação, da fantasia, e aí talvez resida também a graça dessas histórias, veremos mais a diante um exemplo disso analisando “A História do Valente Vilela”. Um dos livros mais geniais de todos os tempos, o *Dom Quixote de la Mancha*, de Miguel de Cervantes, trazia justamente uma percepção do autor nesse sentido: inventar um personagem que acreditava totalmente nas histórias de cavalaria e queria vivê-las em sua própria realidade!

Os guerreiros mais emblemáticos do Nordeste, os seus cavaleiros, foram os cangaceiros, e os poetas tiveram em Lampião e Maria Bonita, em Antonio Silvino, entre outros, grandes personagens.



Além dos Cangaceiros, destacamos Antonio Conselheiro e Padre Cícero, como figuras muito presentes na poesia popular do Nordeste.

A relação da poesia popular nordestina com uma rica tradição de histórias, não seria portanto simplesmente recontar histórias antigas. Também seria pouco pensar que personagens de outrora são “adaptados” à realidade da região, como na relação entre cavaleiro medieval e cangaceiro. Ocorre algo muito mais complexo que isso. O poeta, ao fazer suas poesias, tem total liberdade criativa, mas seja recontando uma história ouvida, seja criando uma nova, usa certos artifícios, como se fosse um repertório de “truques” – são ritmos, situações específicas, exageros, personagens, maneiras do personagem se comportar, estilos, assuntos que são retomados: a valentia, a traição, a mágica, o diabo, além disso, motes, trocadilhos, rimas, jogos de palavra, uma infinidade de “pérolas” que guarda em seu “baú”, e se for um bom poeta, usa sempre no momento certo.

A outra linha para estudarmos a origem da literatura popular nordestina é aquela ligada à versificação, à rima, ao costume de criar versos sobre um tema, muitas vezes de improviso, e na maioria das vezes acompanhado por um instrumento e de maneira cantada.

A literatura dos folhetos está intimamente ligada à tradição dos cantadores nordestinos, cantadores de viola, improvisadores ou repentistas. Como diz o cantador pernambucano Oliveira de Pannels^v: “Todo cantador repentista pode ser um cordelista, mas nem todo cordelista pode ser cantador”, isso porque os cantadores criam os versos de improviso, e os autores têm mais tempo para pensar, escrever e ainda podem voltar atrás e corrigir. Se na cultura letrada valoriza-se aquele que sabe escrever bem, na realidade da poesia popular valoriza-se muito mais quem versa de improviso. Quem escreve folhetos tem também seu valor, mas é chamado (com uma pitadinha de deboche!) de “poeta de balcão”.

Os cantadores de viola, a cada cantoria, trazem à vida um sem número de poesias, de histórias, de personagens, mantendo viva uma cultura riquíssima. Podemos dizer que essa tradição remonta ao período medieval português, desde o Trovadorismo (séc XII ao XIV). Os trovadores criavam poesias que eram cantadas, e havia dois temas distintos: o amor, por um lado, com as “Cantigas de Amor” e as “Cantigas de Amigo” e a sátira, por outro, com as “Cantigas de Escárnio” e as “Cantigas de Maldizer”. Mais tarde, por volta do século XVI, surgiu

o “Vilancete”. Esse costume de versar em Portugal consistia em apresentar um “mote”, ou seja, de um a três versos que apresentavam um tema, e depois vinham as “glosas”, “voltas” ou “coplas”, que eram outros versos desenvolvendo aqueles primeiros do mote. O maior dos poetas portugueses da época, Camões, publicou Vilancetes.

Demos somente rápidos exemplos de uma longuíssima e rica tradição de poesia em língua portuguesa, não uma poesia solitária, escrita - essa existe também - mas estamos falando de uma poesia na maioria das vezes musicada, apresentada em festas, feiras populares, salões nobres, reuniões, saraus. E é incrível notar que algumas das características presentes hoje nos repentes de viola e nos folhetos vêm sendo desenvolvidas desde o período medieval português. Talvez isso explique, em parte, porque seja uma cultura tão rica e elaborada. Atualmente, por exemplo, fazem parte do repertório dos cantadores nordestinos várias formas de improviso se utilizando do mote – um par de versos previamente dado que sempre finaliza cada parte do canto, antes de se “passar” a vez ao parceiro de cantoria, numa prática muita parecida àquela do “Vilancete”.

Os Folhetos – Modo de produção - autores, editores, editores proprietários, filhos de editores proprietários...

Como dissemos antes, pesquisamos um conjunto de folhetos editados num período entre fins do século XIX e a década de 1980, em diversas cidades nordestinas. Tivemos acesso também à cópia de um folheto publicado no séc. XIX no Rio de Janeiro.

Os folhetos que pesquisamos são publicações de materiais muito simples, feitas em papel jornal, o mais barato, e editados de maneira caseira. Uma folha de papel jornal dobrada 4 vezes e impressa dos dois lados resulta num folheto de 8 páginas, que é o tamanho mais comum, além dos múltiplos de 8 - 16, 24 , 32 páginas, e assim por diante. Na capa, a tradicional xilogravura, unindo assim à poesia outra arte popular muito tradicional do Nordeste.

Os folhetos consultados nesta pesquisa estão em dois locais diferentes da Unicamp: na Biblioteca Central, na sessão de Coleções Especiais, e no CEDAE, Centro de Documentação Alexandre Eulálio, que fica no IEL – Instituto de Estudos da Linguagem (ver bibliografia ao fim do trabalho). Além da Unicamp, há acervos de folhetos de cordel ainda maiores no Centro Nacional de Cultura Popular, Rio de Janeiro-RJ, e na Universidade Federal de São Paulo (USP).

Os folhetos muitas vezes não têm indicação de autor, data e local de publicação, Muitas vezes o próprio autor era o editor dos folhetos. Geralmente é mais comum vir o nome do editor, com indicação do local para a compra de outros folhetos, do que o nome do autor.



Há portanto três diferentes papéis na produção: o editor proprietário, que é quem tem os direitos da venda do folheto, o editor, que é quem fabrica, e o autor. Às vezes a mesma pessoa pode fazer todos esses papéis. O negócio é às vezes passado de pai pra filho, sendo o editor proprietário indicado como, por exemplo: “Filhas de José Bernardo da Silva”. No período estudado, as tipografias eram caseiras. Além dos folhetos, podiam imprimir outros materiais como rótulos e propagandas. Outro material que permeou a cultura popular nordestina e era impresso, muitas vezes, pelos mesmos editores do cordel, eram almanaques que traziam informações sobre agricultura, horóscopo, religião, humor, etc. O mais famoso foi o *Lunário Perpétuo*, mas havia também outros como o *Almanaque de Pernambuco*, o *Juízo do Ano*, etc... Os folhetos seguiam então nas malas dos vendedores – os folheteiros, último agente na cadeia produtiva do folheto, que percorriam a zona rural nordestina, e as feiras do sertão e capitais.

Em outros lugares, através de meios de produção diferentes, também os folhetos foram comercializados. No rio de janeiro, no século XIX, foram editados pela editora francesa *Garnier* folhetos com histórias em prosa – esses podem também ter sido os primeiros folhetos editados no Brasil.

Mas o local de maior produção de folhetos foi realmente o Nordeste, a maior parte do conjunto de folhetos que lemos foram produzidos no sertão, na região do Cariri, no Ceará, no sertão pernambucano e paraibano, e a outra parte nas capitais, principalmente Recife, João Pessoa e Salvador.

Um desses poetas que foi também editor e editor-proprietário foi Leandro Gomes de Barros (1865-1918), nascido em Pombal-PB, fixando-se mais tarde em Recife-PE. Foi autor de centenas de folhetos, dedicando sua vida a essa arte. Segundo muitos autores foi o mais lido dos poetas populares do Brasil, considerado por Drummond “o príncipe dos poetas brasileiros”, seus folhetos “O Dinheiro (O testamento do Cachorro)” e o “O cavalo que defecava dinheiro” inspiraram a peça o “Auto da Compadecida” de Ariano Suassuna. Ele fundou uma pequena gráfica em 1906 e seus folhetos espalharam-se pelo Nordeste. É dele também, segundo os autores que consultei, a “Peleja de Riachão com o Diabo”, que teria sido primeiro publicado o em fins do séc XIX . Leandro Gomes de Barros também foi autor de “A Donzela Teodora”, o “Boi Misterioso”, entre outros folhetos dos mais famosos.

Outros autores-editores tiveram longa atuação no ramo, editando muitos folhetos, como Manoel de Assis Campina, Manoel Caboclo, João Martins de Athayde (que comprou os direitos dos folhetos de Leandro Gomes de Barros de sua viúva, depois da morte do autor,) José Francisco Borges – que assinava J.Borges e fazia também xilogravuras, José Bernardo da Silva, José Pacheco, entre muitos outros!

Formas poéticas dos folhetos

O poeta popular, tanto de folhetos como o cantador de viola, tem uma nomenclatura comum para as formas de sua poesia, as “rimas”. Os “versos” são os também chamados estrofes, o “pé” é o que outros chamam verso, e o “metro” é a extensão do “pé”. Aliás, o verso poético é chamado “pé” desde os trovadores medievais, e é talvez o mais importante de tudo na poesia, pois marca o ritmo. A poesia só acontece porque o “metro” do “pé” é respeitado. Talvez seja chamado “pé” justamente por isso - é a base rítmica da poesia, como o pé para podermos caminhar. A cada vez que pisamos temos o apoio, assim como os acentos - as sílabas fortes do verso - também funcionam como apoios, e é indispensável que eles tenham certa regularidade para que a poesia aconteça. A contagem das sílabas das palavras no “pé” vai somente até a última sílaba forte - o último acento da frase, a sílaba fraca ao final pode ser descartada na contagem pois não altera a base rítmica. Esse número de sílabas é o que dá a medida do “pé”. Quanto as formas poéticas dos folhetos, o “metro” mais usado é o de 7 sílabas, chamado nos meios literários de redondilha maior, e o “verso” mais usado é a sextilha, de 6 “pés”, com rimas no segundo, quarto e sexto “pés”, exemplo:

Os cavalheiros pararam

E tiveram muita alegria

Em medir as suas armas

Com o poder da Turquia

Desembainharam as espadas

A ver o que parecia

(Roldão no Leão de Ouro)

No mesmo “metro” temos também o “verso” de 7 “pés”, que foi o segundo mais comum nos folhetos que pesquisamos:

Esse negro era assassino

Atrevido e valentão

Não temia bacamarte

Nem punhal e nem facão

Nunca temeu arruaça

Era uma forte couraça

Esse negro do Sertão

(Estória do Negrão)

Depois, menos comum, mas não raro, temos o “metro” de dez sílabas, o decassílabo, e o “verso” de dez “pés”:

A pedra é o silêncio do granito

O céu é a cortina do universo

O poeta é o artista no seu verso

As estrelas são as velas do infinito

A palavra outrora foi um grito

A rosa é o perfume e a perfeição

A nódoa do caráter é a traição

A virtude do justo a paciência

O homem é a força e a inteligência

A mulher é a graça e o coração

(Segundo debate de João Athayde com José Pacheco)

É bem comum também, num mesmo folheto, combinarem-se um dos “versos” menores, de 6 ou 7 “pés”, com o “verso” de 10 “pés”. Geralmente isso acontece num debate, ou desafio entre dois poetas, quando vão mudar de assunto, e mudam também a forma poética. Há muitas outras formas poéticas, como o galope à beira-mar, martelo, martelo alagoano, mourão, mourão voltado, etc., e essa variedade talvez esteja ainda mais presente nos repentes de viola do que nos folhetos.

Assim, a base rítmica – as medidas e quantidades de verso - e a rima são os dois pilares da poesia popular, responsáveis pela forma poética. Se forem respeitados “pé” e rima, o poeta pode voar alto em sua criatividade... O poeta popular Zé Limeira, por exemplo, era famoso por sua poesia *non-sense*, e dizem que cantava assim: (conforme gravou o violeiro Paulo Freire)^{vi}

Sou casado e bem casado

Com quem não digo com quem

A mulher ainda é viva

Mas morreu mora no além

Se voltar um dia à Terra

Vai morar no pé-da-serra

Não casa com mais ninguém

Eu só gosto dessa moça

Porque tem vegetação

Porteira de pau-a-pique

Três pneu de caminhão

Rabo de jumenta fuça

E haja chuva no Sertão

Paulo Freire conta que um dia alguém quis que Zé Limeira parasse com tanta maluquice e fizesse uns versos bem comportados, e propôs o mote “Diz o Novo Testamento”. E o poeta inventou logo:

*Um dia Nossa Senhora
Se encontrou com Rui Barbosa
Tiraram um dedo de prosa
Viraram e foram se embora
Judas se enforcou na hora
Com uma corda de cimento
Botaram os filhos pra dentro
Foi pra arca de Noé,
Viva a princesa Isabé,
Diz o Novo Testamento*

*Pedro Álvares Cabral
Inventou o telefone
Começou tocar trombone
Na porta de Zé Leal
Mas como tocava mal
Arranjou dois instrumento
Daí chegou um sargento
Querendo enrabar os três
Quem tem razão é o freguês
Diz o Novo Testamento*

Temas

Alguns autores propuseram classificações tentando dar conta de todos os temas abordados pelos folhetos. Ariano Suassuna, por exemplo, propõe alguns grupos de histórias aos quais chama “ciclos”.^{vii} O nome é apropriado - ciclo é algo que se repete, e esse parece ser o movimento das histórias, elas nascem, morrem, e revivem, e a cada geração temos novidades mas também muitas coisas que permanecem. Como toda tradição, a poesia popular tem os seus fundamentos – parece haver limites que o poeta deve obedecer em sua criação, e percebemos quando algo de misterioso foi quebrado num folheto, e ele parece perder seu encanto.

Os ciclos propostos por Ariano Suassuna são: *1. Heróico, 2. Maravilhoso, 3. Religioso, 4. Cômico, satírico, picaresco, 5. Histórico ou circunstancial e 6. Ciclo de amor e fidelidade*. Já Maria José^{viii}, propõe outra classificação: *1. Contos de encantamento, 2. Novelas, 3. Romances, 4. Histórias de Lutas*. Outros autores fazem ainda outras classificações. Dentro da classificação de Ariano Suassuna, podemos notar que o *Ciclo Heróico* é aquele das novelas de cavalaria, o *Ciclo Maravilhoso* das histórias de encantamento, o *Ciclo Religioso* contém vida de santos, aparições, a paixão de Cristo, e outros episódios bíblicos, no *Ciclo Cômico* temos inúmeros temas, a figura do homem “corno” é muito explorada, há poesias com trocadilhos, relatos de discussões, brigas, etc. No *Ciclo Histórico ou circunstancial* temos biografias de personagens famosos como Lampião e Maria Bonita, Antonio Conselheiro, Padre Cícero. Circunstancial é quando o autor faz papel de repórter, colocando em versos uma notícia recente, assim há folhetos sobre a morte de Getúlio Vargas, a visita do Papa ao Brasil, etc... Por fim, as histórias de lutas, entre dois valentões, de cangaceiros com a polícia, de mulheres valentes. Lutas de personagens famosos que podem ter se encontrado no inferno, como no “Encontro de Lampião com Antônio Silvino no Inferno”, além dos duelos de cantadores, muito recorrente.

Os temas abordados pelos folhetos não se esgotam por essas classificações. Outros autores observam diversos outros grupos ou ciclos de histórias: *do diabo logrado, do marido logrado, dos bichos que falam, erótico, obsceno, de Pedro Malazarte* etc...

O Desafio

O tema do desafio é, sem dúvida, um dos mais presentes nos folhetos aos quais tivemos acesso. É chamado de “peleja”, “luta”, “discussão”, “debate”, “questão”, etc., Pode ser um debate entre duas pessoas com razões opostas, como no caso da “Discussão de um Fiscal com uma Fateira”. Mas apresenta-se, no mais das vezes, como a história de um desafio que ocorreu entre dois cantadores.

A peleja entre dois cantadores é um ritual que nos interessa bastante neste trabalho, pois nos parece que há muito em comum com o ritual de encontro e disputa entre dois capoeiristas. Os folhetos são um precioso registro da arte dos cantadores e repentistas, e para

nós não importa muito se a poesia escrita é fiel a um desafio real ou se é livremente inspirada por eles. De qualquer forma, muitos autores dos folhetos são os mesmos cantadores dos desafios, e as formas de versar, temas, estilo e jogos são comuns aos folhetos e repentes.

O ritual conhecido como “desafio de cantadores”, ou “desafio de viola”, “repente”, “improviso” ou “cantoria de pé-de-parede” - assim chamado pois é costume os cantadores sentaram-se encostados à parede de uma sala ou salão - é o momento privilegiado da poesia popular no Nordeste. Nele, dois violeiros ou cantadores se encontram. Cantam sobre diversos motes, em diferentes formas de pés e versos. Começam saudando os donos da casa, o público, a Deus e aos santos de sua predileção. Apresentam-se à audiência e propõem alternadamente o mote e o pé, pra ninguém levar vantagem propondo sempre primeiro. Há o momento de pedir dinheiro à assistência, com improvisos para cada pessoa do público. Há o momento de “lascar” o oponente, com versos de zombaria de parte a parte, há o momento de mostrar conhecimentos gerais, de geografia, física e história, e também a hora em que o público pode propor motes. Termina-se, claro, com uma boa despedida - em versos, é claro.

Vale destacar que um desafio semelhante acontece também no côco-de-embolada, com o uso de pandeiros – é uma modalidade diferente, mas tem muito em comum com o repente de viola.

De volta ao mundo dos folhetos, tomemos como exemplo a “Peleja de Joaquim Jaqueira com João Melquíades”. Nesse desafio, o cantador Joaquim Jaqueira, que reside em Manaus, fica sabendo que Melquíades é chegado em sua cidade, e resolve testá-lo – canta logo para ele: “eu sem examiná-lo/ não canta nessa ribeira”, e exige ainda que o oponente cante “na física e na geografia/ demonstrando teoria” ao que Melquíades responde, zombando, que “homem que pega em viola/prá mim não é doutor”, mas depois deixa claro que sabe cantar o que o outro quiser, e assim eles seguem:

Melquíades eu quero te ver

Na física e geografia

O senhor cantar as águas

Demonstrando teoria

As águas em movimento

Que faz o mar noite e dia?

E a resposta:

*Eu para cantar as águas
Não é história comprida
O movimento do mar
Admira sua lida
O mar é um grande rio
Que traz a terra envolvida*

E depois:

*Melquíades, perfeitamente
Podemos continuar
Os movimentos das águas
Quero ver o esquadrinhar
Quero que dê-me o roteiro
Sobre o roteiro do mar*

E a resposta:

*Nas barras superiores
Nas ondas aglomeração
O mar para ser mar
Cumprir bem sua missão
Não tem hora de repouso
Em toda circulação*

Assim, o desafio segue, com seguidos pedidos de explicação sobre fenômenos naturais. Notemos que fenômenos naturais como a maré, ou o movimento dos astros e a atividade vulcânica (que são cantados depois) não são fáceis de explicar nem num discurso normal, em prosa, que dirá em poesia rimada! Por isso, quando Melquíades passa no teste, Jaqueira canta:

Melquíades eu com você
Já não quero mais peleja
Cante o senhor o Brasil
Que ouvir o povo deseja
Quando findar essa obra
Nós vamos tomar cerveja

É interessante notar um certo tipo de conduta nesse encontro entre dois violeiros. O desafio se apresenta como um tipo de teste. O cantador deve saber entoar diferentes formas de versos em diferentes assuntos. Os “testes”, por vezes, são perguntas que se apresentam como verdadeiras emboscadas para o oponente, como nesses versos muito cantados também na roda de Capoeira:

Quantas estrelas têm no céu?
Quantos peixes têm no mar?

Se formos mais a fundo, lembraremos que este “teste” está muito presente em histórias bem tradicionais, como a “História da Donzela Theodora”, na qual os sábios do rei testam a sabedoria da donzela:

Sábio- Qual a coisa mais ligeira
Do que a seta e o corcel?
Qual a coisa neste mundo
Mais amarga do que o fel?
O que foi que Deus criou
Doce mais do que o fel?

Theodora – Mais ligeiro é o pensamento
Disse ela em voz firmada,

*Mais amargo que o fel,
A filha ingrata e malvada,
A mais doce do que o mel,
A nossa mãe adorada.*

O desafio é como um duelo, podemos pensar, tão marcante na cavalaria medieval, na qual um código de ética regulava os combates entre dois cavaleiros. Nesse contexto, a destreza e a força são importantes, mas, muito mais do que isso, preza-se a coragem e a lealdade. Assim, quando desafiado, um cavaleiro deve mostrar coragem na luta, tendo mostrado isso, passa a ser valorizado pelo oponente, torna-se um igual. Depois disso, conforme o caso, a disputa, caso nenhum dos dois morra, pode dar origem a uma profunda amizade! No desafio de viola do qual falamos anteriormente, notamos que o cantador Joaquim Jaqueira, depois de verificar que seu oponente correspondeu bem ao desafio, canta “já não quero mais peleja”, e propõe: “vamos tomar cerveja”.

Três Ladainhas, três folhetos

Falaremos agora de três ladainhas – de Riachão, Pedro Cem e do Valente Vilela - cantadas nas rodas de Capoeira Angola, e que têm versos comuns aos registrados nos respectivos folhetos de cordel. Mestre Waldemar (Waldemar da Paixão) tinha o costume de cantar algumas dessas ladainhas, ele, entre outros, teria tido grande importância para a difusão desses versos na Capoeira Angola.

“Peleja de Riachão com o Diabo”

Talvez uma das ladainhas mais famosas de todas seja a “Peleja de Riachão com o Diabo”. Trata-se justamente de um dos temas aqui abordados -o desafio entre dois cantadores, um dos mais comuns nos folhetos. Um dos cantadores, no entanto, guarda um mistério. A figura do diabo é tema de uma grande quantidade de folhetos, alguns autores chegam a propor, na classificação da literatura de cordel, um “Ciclo do Diabo Logrado”.

O folheto “Peleja de Riachão com o Diabo” a que tivemos acesso foi editado por João Martins de Athayde, que atuou na região do Cariri (sertão cearense) entre as décadas de 1950 e 1970. Sabemos, no entanto, que a autoria do folheto é de Leandro Gomes de Barros, e teria sido editado primeiro em 1899^{ix}. Como já sabemos, a viúva de Leandro vendeu os direitos sobre os folhetos do marido depois de sua morte para João Athayde, e algumas vezes esse editor assumiu a autoria de alguns folhetos. Nesse folheto, o autor junta na mesma poesia

dois dos temas preferidos do cordel: desafio de cantadores e o diabo - talvez por isso o folheto tenha ficado tão popular.

Essa junção, no entanto, não parece ser invenção do autor do folheto. O personagem Manuel do Riachão, segundo Viriato Padilha^x, está presente em histórias contadas e recontadas em diversos estados do Nordeste, há muito mais tempo. Há diversas versões: por vezes é ele mesmo Riachão o próprio diabo, que aparece nas festas como cantador e traz uma série de infortúnios para aquelas pessoas, outras vezes Riachão é o oponente do diabo, como no folheto abordado. Interessante que o próprio Leandro Gomes de Barros não se coloca como criador da história, e encerra assim a poesia:

Essa história que escrevi

Não foi por mim inventada

Um velho daquela época

Tem ainda decorada

Minha aqui só são as rimas

Exceto elas, mais nada!

A questão da autoria, aliás, não se dava como em outros meios literários. Às vezes nem sequer se citava o autor de um folheto. Muitos colocavam a coisa dessa maneira, diziam que tinham ouvido a história de um velho, dos pais, etc. Para muitos não havia uma preocupação tão grande em se colocar como autor, reivindicando uma posição individual de detentor daquela cultura popular. Por outro lado, havia também quem colocasse seu nome como autor num folheto de outro que estavam reeditando.

Das diversas histórias de diabo existentes nos folhetos, além da “Peleja de Riachão com o Diabo”, tivemos oportunidade de ler “O Velho que enganou o Diabo” e o “O Diabo e o Componês”. Na primeira história, o diabo é logrado, na segunda, tem sucesso. Interessante notar que o diabo, aparecendo na figura de um amigo, de um ajudante ou um cantador, sempre tem todos os recursos de conhecimento e esperteza para seduzir e vencer seu oponente. Para o velho, por exemplo, aparece na figura de um ajudante que lhe faz roçado, lhe constrói curral, consegue bois e constrói casas, tornando o velho rico. Para o camponês, é também um ajudante que o ensina a plantar de modo a não perder a lavoura na seca, e por fim com Riachão o diabo usa seu conhecimento de todas as coisas e até da vida do próprio adversário para vencê-lo. Diante disso, o recurso que resta, geralmente, para aquele que luta contra o diabo, é a própria fé, é rogar por Deus e pela Virgem, e assim por diante. É o que faz Riachão, na peleja. O Velho, por sua vez, usa de esperteza e religião combinadas: manda que o diabo roçe um capim ao redor de uma cruz, coisa que o diabo não pode fazer. Como o acordo que tinham é que o diabo beberia o sangue do velho só depois que fizesse por um tempo tudo que o velho pedisse, o diabo perde.

No duelo entre Riachão e o Negro misterioso, os temas da geografia, astronomia, física, etc., em forma de testes, estão novamente presentes:

Riachão - Você diz que tem ciência

Me dê uma explicação

Se a Terra faz movimento

De quem é a rotação?

Por que é que em doze horas

Tem uma alteração?”

Negro – O sol não é que se move

Este é fixo em seu lugar

A Terra está sobre os eixos

Os eixos fazem rodar

Que, por essa rotação

Faz a luz do sol faltar

Quando um cantador chama atenção pela sua qualidade, é natural perguntar-se pelo seu nome, e de onde veio, costume também na Capoeira:

Se quiser saber meu nome

Não precisa perguntar

Ou ainda:

Menino que foi seu Mestre?

Mas quando Riachão questiona o negro, ele não diz seu nome nem sua origem, apenas vai dando algumas de suas características, e quando Riachão descobre que se trata do diabo, chama por Jesus e pela Virgem Maria, e o Diabo some deixando seu cheiro de enxofre característico.

A História de Pedro Cem

O folheto a que tivemos acesso, “A História de Pedro Cem”, foi também editado por João Martins de Athayde, no Juazeiro do Norte-CE em 1978. A história vem de uma lenda portuguesa que remonta ao século XIX ou talvez até ao VXIII. Segundo alguns autores, houve um drama da vida de Pedro Cem encenado no teatro que fez sucesso no Nordeste na época em que saiu o folheto. Pudemos averiguar que houve realmente uma peça editada no Rio de Janeiro, em 1847, chamada “Pedro Sem que já teve e agora não tem: drama fundado em factos”^{xi}, mas a lenda já era muito popular bem antes, pelo menos em Portugal.

Trata-se, no folheto, de uma poesia muito rica que faz uso do jogo de palavras do sobrenome do personagem, “Cem”, que sugere a ideia de que ele tinha “cem navios”, “cem fábricas”, “cem contos” em “cem bancos”, e assim por diante, e a palavra “sem”, no sentido de “ficar sem alguma coisa”. Assim, o mote “Ontem teve, hoje não tem”, cai como uma luva na história rimada.

Em Portugal há versões diferentes da história, por exemplo:

E foi assim que ouvi a história de Pedro Sem:

Era um agiota muito rico, que vivia naquela torre, lá ao fundo da rua, com a filha de um senhor que lhe tinha pedido dinheiro emprestado e, quando não pôde pagar, ele ficou-lhe com a filha que, coitada, tinha de pagar pela dívida do pai. Tinha o avarento muitos barcos, que iam à Índia e aos Brasis, e ele ia ao alto da torre para, por um óculo, os ver chegar à Foz do Douro. E, em certa tarde de sol, viu chegar a sua frota, carregadinha, e, muito contente, exclamou, enquanto os barcos demandavam o canal do rio:

“– Agora nem Deus!”

Só que, naquele tempo, Deus ouvia tudo o que se dizia cá em baixo e

despencou uma terrível tempestade que fez naufragar todos os barcos, ao mesmo tempo que um raio veio incendiar o recheio da torre, só dando tempo a que a jovem fugisse para casa de seus pais; e o avaro mais criados vieram para a rua tentar debelar o incêndio, o que não conseguiram. Só ficaram com as roupas no corpo. Dinheiro, papéis de dívida, de crédito, jóias, enfim, nada ficou para testemunhar o prestígio de outrora e o velho, sem nunca ter dado nada a ninguém, olhava para as paredes da torre e via-se obrigado a esmolar, dizendo: “Dai alguma coisa ao Pedro Sem, que teve muito e agora não tem!”

Júlio Couto, “História do Pedro Sem...”, in Nuno Pignatelli, Lenda de Pedro Cem, Porto, Campo das Letras, 2007.

História do Valente Vilela

Uns dos momentos mais bonitos que vivi na Capoeira Angola, do qual não me esqueço, foi ouvir cantar boa parte (se não foi toda) a história do Valente Vilela, em versos, pelo Mestre Bigodinho, no primeiro evento Semeando, do grupo Semente do Jogo de Angola, em Salvador, 2010/2011. Lembro que apuramos os ouvidos para ouvir os versos do Mestre, que se sucederam uns aos outros por no mínimo uns 20 minutos, me pareceu. Nunca tinha ouvido alguém cantar assim tão longamente numa roda de capoeira, eu ouvia a história do Valente Vilela pela primeira vez, e os versos eram belos, engraçados, surpreendentes e bem rimados. Olhei para o Mestre Jogo de Dentro, que estava ao lado do Mestre Bigodinho, os seus olhos brilhavam por estar vivenciando momento tão especial, e ele pedia com o olhar que todos ficassem atentos para ouvir o Mestre Bigodinho. Depois, perguntamos ao próprio Mestre se o que ele tinha cantado era uma Ladainha, e ele disse que aquele canto se chamava “Arrogo”.

O Folheto a que tivemos acesso da “História do Valente Vilela” foi editado por José Bernardo da Silva, no Juazeiro-CE, sem data. A história conta a trajetória do valente do sertão pernambucano que mata primeiro o irmão, depois dois rapazes num pasto, depois o filho do padrinho, depois mata um cunhado, em seguida, como o agente da polícia faz piquetes mas não consegue prendê-lo, chama reforços, vem uma tropa e Vilela mata os 30 soldados, depois mais 31 de outra tropa, depois vem um batalhão de 120 soldados que fogem com medo, e a luta final é de Vilela com o alferes.

Se nos perguntarmos de onde poderia ter vindo uma história como essa, podemos tentar retomar um pouco as origens dessa literatura popular e pensar, por exemplo, na

tradição das novelas de cavalaria. Lendo o folheto “Roldão no Leão de Ouro”, por exemplo, vemos um episódio no qual o Príncipe Roldão, um dos 12 pares de França, vai, somente com mais dois ou três cavaleiros seus amigos, resgatar uma donzela, e enfrenta primeiro 20 soldados, depois um “regimento de 100 homens”, depois outro regimento com “1070 animais”, depois todo o exército da Turquia! Trata-se de um exagero poético (sobre o qual já havíamos tratado) e que faz parte do mundo imaginário das histórias, nesse caso, das novelas de cavalaria. Com certeza há muito mais o que se estudar e refletir sobre um folheto como esse, esta breve análise é apenas uma pincelada.

Reflexões sobre a literatura popular dos folhetos e algumas relações com a Capoeira Angola

Mestre Pastinha chamava ao grupo de Mestres da época áurea que vivenciou de “Galanteria da Capoeira Angola”. Se atentarmos para todos os significados de cada palavra, veremos que elas nos revelam muito mais do que pode parecer à primeira vista. “Galante” se refere, entre outras coisas, à segunda fase da cavalaria medieval, na qual os cavaleiros, além da arte guerreira, se exercitaram também na destreza com a poesia. A palavra do Mestre Pastinha leva-nos a refletir sobre uma maneira muito particular de se comportar, dos Mestres de Capoeira Angola e seus discípulos - uma conduta ética na qual mais importante do que o resultado de uma “peleja” é a disposição de espírito: a alegria, a elegância, a lealdade e a coragem. Pode parecer abstrato alardear valores tão nobres assim, mas é algo de muito palpável para quem vivencia a Capoeira Angola – e se não conseguimos sempre, há pelo menos essa busca. Essa maneira de se portar não pode ser aprendida em teoria, tem que ser praticada. As ordens de cavalaria medievais eram somente uma das muitas maneiras de vivenciá-la, mas toda cultura tem ou teve, em alguma época, uma norma de conduta guerreira. Não queremos dizer que a Capoeira Angola está ligada diretamente às ordens de cavalaria, longe disso. A Capoeira Angola é uma entidade que nos permite vivenciar a prática de luta/jogo preservando um certo código ético, e isso é algo que sempre ocorreu na história das culturas.

Para os cavaleiros, era necessário saber se portar tanto no meio guerreiro quanto nos salões nobres. Esse trânsito entre o meio rude, da guerra, ou, atualizando para a realidade brasileira, das ruas, e a “alta sociedade”, aconteceu e acontece no Nordeste, tanto com os cantadores de viola, quanto com os poetas autores de folhetos, e também com os capoeiras. Os cantadores de viola tinham por costume nas cantorias improvisar diretamente para alguém da assistência pedindo dinheiro, e se passava uma badeja para recolher a contribuição. Como esse peditório era mal visto por alguns, e o ganho incerto, as cantorias passaram a acontecer com cachê pré-fixado ou cobrança de ingressos. Hoje há festivais de repentistas muito bem organizados em São Paulo. Esse é só um exemplo de um longo e difícil trânsito de uma arte

“matuta” se adaptando às mudanças sociais. Os capoeiras, da mesma forma, têm uma longa história de trânsito de uma realidade à margem social, nas ruas, para a entrada nos “altos meios sociais”, como diria Mestre Pastinha, através de um processo árduo de reconhecimento e transformação. Mestre Pastinha tem grande importância nesse aspecto e deixou registrado depoimentos sobre isso.

Os poetas populares, por sua vez, sempre venderam nas feiras suas poesias para o povo. Com o desenvolvimento urbano, esse modo de vida se tornou mais difícil. Os poetas passaram a se organizar em associações. Ao mesmo tempo, o interesse da academia pelos folhetos foi tornando viáveis novos espaços de atuação aos poetas. Surgiram publicações das poesias em livros, publicações de antologias, estudos sobre os poetas. Hoje a Literatura de Cordel está bem sedimentada, além das publicações regulares de folhetos e livros há *sites* sobre o tema, festivais e diversas associações que organizam uma enorme variedade de eventos, e também atuação em escolas e teatros.

Esse movimento de mudança que estamos identificando nas três formas de arte popular é também, se atentarmos, na Capoeira Angola, o movimento de uma realidade que não permitia, quase sempre, a iniciativa da mulher, para uma realidade em que ela passa a ser tão protagonista quanto o homem. O machismo tem talvez na figura do valente, do valentão, sua expressão máxima, e ele é muito presente na poesia popular nordestina. Por outro lado, marcando um contraponto, também temos de forma marcante a figura da mulher valente. Encontramos 2 folhetos nesse tema, dos muitos que há: o primeiro é “Maria Mata Homem – a valente da Paraíba”, que diz:

Em que lugar é que estou

Que não vejo valentão?

Vida Torta respondeu

Aqui no nosso Sertão

Homem não bate em mulher

Pra não perder na questão

Comigo tem isso não

Ando comprando e vendendo

Porque não respeito homem

Na hora em que estou bebendo

Sou Maria Mata Homem

Fique logo sabendo

Outro folheto que é exemplo da valentia feminina, mas de maneira bem diferente, é a “Discussão de um fiscal com uma fateira”:

(Disse o fiscal) Minha dona

Não interessa a questão

Me pague 15 cruzeiros

Que eu passo o seu talão

Disse a velha: tá feito vaca

Pega a reta, queime o chão

Aonde você já viu

Pagar imposto de tripa

Hoje aqui eu brigo muito

E não pago essa sulipa

Posso pagar na cadeia

Depois que passar-lhe a ripa

Se no primeiro folheto a valentia é uma auto-afirmação de força, tanto do homem quanto da mulher, nesse segundo caso, a fateira discute com o fiscal porque está lutando contra uma injustiça – seu comércio é um dos menos lucrativos, a venda de tripas de boi, e o fiscal quer lhe cobrar imposto, ao que ela discute, e depois realmente briga – o folheto é muito engraçado, pois descreve uma briga generalizada na feira envolvendo as fateiras, soldados da polícia e quem mais estivesse no meio, e todos acabam indo parar dentro da igreja, que era próxima e estava aberta, e lá até santo apanha! Se o tom desse folheto é de sátira, ele me parece muito sério ao identificar uma realidade social importante. A mulher é nesse contexto popular aquela que detona a revolta contra a injustiça, talvez por carregar “nas costas”, muitas vezes, toda a família, em jornadas duplas ou triplas de trabalho dentro e fora de casa, cuidando sozinha dos filhos na maioria das vezes.

A valentia feminina não passou em branco na Capoeira Angola, e um dos corridos mais cantados hoje em dia diz:

Dona Maria do Gamboatá

Chega na venda, ela manda botá

Quanto às histórias de encantamento, com elementos fantásticos, temos um corrido que exemplifica o tema dos bichos humanizados, que por vezes traz os seguintes versos:

Eu vi a cotia com o côco no dente

Chapéu de Palhinha quebrado na frente

Conclusão

Este trabalho foi fruto de pesquisa durante duas semanas num acervo muito rico de folhetos e livros sobre literatura de cordel (ver a bibliografia ao final do texto). O tema, claro, é inesgotável – como a capoeira, como qualquer arte, como a vida – uma busca constante. Fica a dica de que é preciso estudar constantemente, pois sem essa prática, vai ficando cada vez mais difícil, como voltar a fazer os movimentos de capoeira depois de um tempo parado...

Por enquanto, vou percebendo o quanto a poesia popular nordestina é um espaço privilegiado de manutenção de um conhecimento muito precioso. Além das histórias, dos conteúdos, temos nela verdadeiras lições sobre como fazer as coisas – a poesia nos ensina a lutar, a jogar, a cultivar amizade e a própria alegria de viver. Ensina-nos a perceber as artimanhas do diabo, que pode ser um cantador disfarçado, mas pode ser também um mal sentimento se infiltrando muito sutilmente em nossas vidas, de inveja, de orgulho, de desamor... como a poesia popular tem antídotos contra isso!

A poesia popular é o povo, sua simplicidade que às vezes é confundida com falta de alguma coisa, mas que é justamente o oposto – uma simplicidade que só vem com muita sabedoria e grandeza de coração.

A poesia popular preserva o inusitado, o encantamento, o fantástico, a mágica, que pode vir do sobrenatural, mas pode também vir também da sabedoria de se olhar pra vida com o olhar do jogo e da brincadeira. Há diversas poesias que “jogam” assim: o Valente Vilela chega ao limite da valentia, na sucessão de mortes, o “Boi Misterioso” vai, um a um, derrotando todos os vaqueiros. Assim, essas histórias vão alimentando nossa imaginação até hoje. Um exemplo: Mestre Jogo de Dentro é capaz de jogar capoeira em pouco espaço. Por vezes ele resolve ver até onde isso vai dar, e pede para que a roda vá se fechando, se fechando, se fechando... e de repente ele e o parceiro estão jogando capoeira numa circunferência de menos de meio metro de diâmetro. Um dia vira lenda, e depois, folheto!

Para terminar, deixo abaixo a imagem da capa de um folheto que encontrei no último dia da pesquisa, quase por acaso. Como todo personagem importante da cultura popular nordestina, esse também mereceu um folheto. Está aí: mais uma história de encantamento

C314mp

Literatura de Cordel n.º 1632
Autor: Rodolfo Coelho Cavalcante
TROVADOR BRASILEIRO

Mestre Pastinha - O Rei da Capoeira Angola



1ª edição 1983

100.1652

ⁱ Trecho de “Cordel: do encantamento às histórias de lutas – LONDRES, Maria José F. São Paulo: Ed. duas cidades; 1983”, p.13

ⁱⁱ In. Programa “Globo Rural” – edição especial de aniversário sobre a Literatura de Cordel, acessado em Dezembro de 2014,(<https://www.youtube.com/watch?v=7DosjK6GSUQ>)

ⁱⁱⁱ Biblioteca do Cordel - Manoel Caboclo – Introdução e seleção – Gilmar de Carvalho, editora Hedra, São Paulo, 2000

^{iv} Trecho de “Acervo do Cordel Leandro Gomes de Barros”. Catálogo Bibliográfico. Fundação Casa de José Américo – João Pessoa,-PB - 2013

^v In. Programa “Globo Rural” – edição especial de aniversário sobre a Literatura de Cordel, acessado em Dezembro de 2014,(<https://www.youtube.com/watch?v=7DosjK6GSUQ>)

^{vi} CD: “Vai Ouvindo” – “Paulo Freire com Tuco Freire e Adriano Brusko”

^{vii} In: “Literatura de Cordel Vol.1 Antologia” Manoel Florentino Duarte, José Costa Leite, José Pacheco e José Soares, Global editora, São Paulo, 1976

^{viii} In: “Cordel: do encantamento às histórias de lutas – LONDRES, Maria José F. São Paulo: Ed. duas cidades; 1983”, p.13

^{ix} Segundo o site: www.abcl.com.br/hisoriacordel.htm, consultado em Dezembro/2014

^x (Padilha, Viriato. *O livro dos fantasmas*. Rio de Janeiro, Spiker, 1956, p.7-18)

^{xi} Ver “A lenda de Pedro Sem – da oralidade à poesia romântica, ao cordel (português e brasileiro) e à literatura para crianças e jovens.

http://195.23.38.178/casadaleitura/portalfbeta/bo/documentos/ot_pedrocm_a.pdf

Bibliografia Consultada:

“Acervo do Cordel Leandro Gomes de Barros”. Catálogo Bibliográfico. Fundação Casa de José Américo – João Pessoa,-PB – 2013

CABOCLO, Manoel, “Manoel Caboclo - Biblioteca do Cordel “-- Introdução e seleção – Gilmar de Carvalho, editora Hedra, São Paulo, 2000

“Literatura de Cordel - Vol.1 - Antologia” Manoel Florentino Duarte, José Costa Leite, José Pacheco e José Soares, Global editora, São Paulo, 1976

LONDRES, Maria José F. “Cordel: do encantamento às histórias de lutas” São Paulo: Ed.Duas Cidades, 1983

PADILHA, Viriato. “O livro dos fantasmas”. Rio de Janeiro, Spiker, 1956.

Folhetos: (O nome do autor é colocado entre parênteses, embora saibamos que a informação nem sempre é exata. Alguns folhetos não têm a informação de autoria)

História Jocosa dos Tres Corcovados de Setubal: Lucrecio, Flavio e Juliano, onde se descreve o equívoco gracioso de suas vidas

Peleja de Joaquim Jaqueira com João Melquíades (João Melquíades Ferreira)

Estória de José Colatino com o Carranca do Piauí

Discussão de um fiscal com uma fateira (Manoel de Assis Campina)

A questão do Camponês com o Coronel Humberto e a promessa ao Padre Cícero

Encontro do Soldado Paraíba com o Vigia da Usina no Outro Mundo (Abraão Batista)

Segundo Debate de João Athayde com José Pacheco (João Martins de Athayde)

Peleja de Riachão com o Diabo (Leandro Gomes de Barros)

O Casamento do Bode com a Raposa

Raquel e a fera encantada

Roldão no Leão de Ouro

O velho que enganou o Diabo

O Diabo e o Compones (José da Costa Leite)

A Intriga do Cachorro com o Gato (José Pacheco)

Estória do Negrão André Cascadura O Namoro de Mané Besta com Elisa Bago Mole (José da Costa Leite)

Acervo da Biblioteca Central, Coleção Alexandre Eulálio, Unicamp.

A Vida de Pedro Cem (Leandro Gomes de Barros)

História do Valente Vilela

Peleja de Manoel Sobrinho com José Maneiro

Peleja de Riachão com o Diabo (Leandro Gomes de Barros)

Louvres a Bom Jesus da Lapa (Rodolfo Coelho Cavalcante)

Peleja de Zé Limeira com João Mandioca (Otacílio Batista)

As preseçadas de Pedro Malazarte (F. Salles)

História do Boi Misterioso (Leandro Gomes de Barros)

Mestre Pastinha – Orei da Capoeira Angola (Rodolfo Coelho Cavalcante)

ABC de Maria Bonita, Lampião e seus Cangaceiros (Rodolfo Coelho Cavalcante)

Antonio Conselheiro – O Santo Guerreiro de Canudos (Rodolfo Coelho Cavalcante)

Acervo: CEDAE – Centro de Documentação Alexandre Eulálio – IEL- Unicamp

Internet:

- Programa “Globo Rural” – edição especial de aniversário sobre a Literatura de Cordel, acessado em Dezembro de 2014,(<https://www.youtube.com/watch?v=7DosjK6GSUQ>)
- Associação Brasileira de Literatura de Cordel - www.abcl.com.br
- “A lenda de Pedro Sem – da oralidade à poesia romântica, ao cordel (português e brasileiro) e à literatura para crianças e jovens.
http://195.23.38.178/casadaleitura/portalpha/bo/documentos/ot_pedrocem_a.pdf
- Fundação Casa Rui Barbosa - www.casaruibarbosa.gov.br/cordel/

